

## **A Infância Contemporânea Segundo o Caso MC Melody<sup>1</sup>**

Ana Julia Germiné COIMBRA<sup>2</sup>

Rosilene Moraes Alves MARCELINO<sup>3</sup>

Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

### **Resumo**

Visamos, neste *paper*, explorar questões que permeiam a infância, o consumo e a construção de identidade, a partir de uma pesquisa exploratória feita com nosso objeto de estudo, a cantora de funk de nove anos, MC Melody, personalidade que repercutiu na mídia no ano de 2015, por cantar funk ostentação e apresentar traços de sexualização precoce durante seu trajeto midiático, na visão de algumas instâncias de nossa sociedade. Para isso, embasamos nossa reflexão por meio de pesquisa bibliográfica, articulando autores como Baccaga, Barbero, Ariès e Postman.

**Palavras-chave:** infância; identidade; educomunicação; funk; MC Melody.

Este artigo é fruto da primeira etapa da monografia em desenvolvimento para o curso de graduação em Comunicação Social, com ênfase em Publicidade e Propaganda, pela ESPM-SP. Por conseguinte, nosso objetivo neste momento é apresentar uma reflexão teórica conceitual acerca dos eixos infância, consumo e identidade; trazendo uma entrevista exploratória envolvendo nosso objeto de pesquisa, a funkeira mirim MC Melody. Ressaltamos que os estudos apresentados aqui antecedem uma análise mais profunda do objeto em questão. Portanto, apresentá-los em um congresso como o Intercom colabora significativamente para os nossos aprendizados acadêmico e pessoal.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática II06 Interfaces Comunicacionais – Intercom Júnior - XII Jornada de Iniciação Científica em Estudos Interdisciplinares, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 8º semestre do Curso de Graduação Publicidade e Propaganda da ESPM-SP, email: [anajuliagcoimbra@hotmail.com](mailto:anajuliagcoimbra@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho de conclusão e do artigo. Doutoranda em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Mestre em Comunicação e Práticas de Consumo. Professora na ESPM-SP nos cursos de Publicidade e Propaganda e de Ciências Sociais e do Consumo. Email: [rosilene@espm.br](mailto:rosilene@espm.br)

A escolha do objeto surgiu após percebermos que o fenômeno dos funkeiros mirins estava ascendendo de forma significativa durante o ano de 2015 e, assim persiste até este período de 2016. Essas crianças, moradoras da periferia de São Paulo, possuem milhões de acessos em seus vídeos e em suas páginas nas redes sociais digitais; o que contribuiu para disseminar a popularidade dessas crianças em um primeiro momento, em território nacional, criando uma legião de fãs e pessoas curiosas pelo movimento impulsionado pela internet. Moradores de regiões carentes das Zonas Norte e Leste da cidade de São Paulo, muitos dos funkeiros mirins relatam em entrevistas que encontraram no funk uma oportunidade de ascensão social, proporcionando melhores condições de vida às suas famílias. Assim como os funkeiros adultos, os mirins elegem e seguem um dos gêneros que fazem parte desse estilo musical, voltando-se, por exemplo, às vertentes *melody*, ostentação e proibidão<sup>4</sup>. As personalidades infantis de maior sucesso dentro deste universo, depreendemos de nossas pesquisas exploratórias, são as que cantam funk ostentação e proibidão, que, explicitamente, expõe em suas letras, entre outros assuntos, o consumo de drogas e ações de cunho sexual.

Após esta breve introdução, nos propomos a apresentar a MC Melody, de quem depreendemos os questionamentos que levaram a optar pelo trabalho monográfico e pelo preparo deste artigo. A funkeira mirim Gabriela de Abreu, que atende pelo nome artístico MC Melody, é uma menina de 9 anos que despertou o interesse da mídia quando seu pai, Thiago de Abreu, postou um vídeo da filha cantando uma música com a seguinte letra: “Pra todas as recalcadas aí vai minha resposta: se é bonito ou se é feio, mas é *foda* ser gostosa”. Após o lançamento da música, intitulada "Fale de Mim", a popularidade da menina cresceu principalmente na internet. O número de *likes* em sua página oficial do *Facebook* aumentava conforme as postagens eram feitas, atingindo 150 mil *likes* em um período de vinte dias. Após denúncias de internautas incomodados com as postagens, a página foi apagada e imediatamente substituída por outra criada pelo pai de Melody, que, após menos de um ano de sua criação, possui 1.607.664 curtidas<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Funk melody: vertente inspirada no *freestyle* que aborda temas amorosos; funk proibidão: vertente que aborda menções à facções criminosas, tráfico de drogas e sexo.

<sup>5</sup> Visualizado em 28/07/2016.

Em Abril de 2015, Melody foi alvo de um inquérito aberto pelo Ministério Público de São Paulo, por sexualização precoce, forte conteúdo erótico e apelos sexuais em suas performances. O Ministério afirma que os pais de Melody são suspeitos de violarem o direito, o respeito e a dignidade da menina, por permitirem que ela cante músicas obscenas, com alto teor sexual e fazendo poses sensuais<sup>6</sup>.

A crítica parte do princípio de que a infância dessas crianças estaria sendo prejudicada devido à exposição a conteúdos que não são permitidos para a faixa etária a que pertencem. O pai da menina, conhecido como MC Belinho, questiona todas as acusações feitas a ele e sua esposa em relação aos cuidados com a filha. Em uma entrevista cedida ao jornal *Em Resumo*, pertencente à globo.com, em abril de 2015, o pai da Mc Melody afirma que: “Falam mal só pelo funk. Quando saiu o clipe de *Single Ladies*, da Beyoncé, havia vários vídeos de crianças de 2 anos dançando de biquíni e maiô e ninguém reclamava”.

Neste estágio de nosso artigo, nos direcionaremos para uma reflexão baseada nos ensinamentos de Baccega (2015) acerca da análise do discurso de linha francesa, com a intenção de enriquecermos academicamente a leitura da entrevista com Melody e seu pai, MC Belinho. Partindo do pressuposto de que a linguagem reflete a relação do homem com o mundo, sendo classificada por Baccega como um **canal da comunicação** e, não um mero instrumento, entendemos que “a atividade linguística não consiste em simplesmente etiquetar a realidade. (...) signos verbais – palavras – terão sentidos diferentes, dependendo da formação ideológica em que se encontram” (BACCCEGA, 1998, p. 20). Tal ensinamento traduz a necessidade de olharmos para a fala dos nossos objetos de pesquisa de modo crítico, a partir do contexto social e cultural ao qual pertencem. Focaremos em trazer para este *paper* a combinação de nossos estudos conceituais e teóricos sobre os eixos de infância, consumo e identidade, juntamente à leitura discursiva da entrevista. Desejamos trazer como tema principal a ser refletido, a visão de Melody sobre o conceito de infância e os atores sociais capazes de auxiliar sua construção de identidade.

A entrevista foi realizada com Melody e seu pai, no dia 25 de Junho de 2016, no estúdio Hipershow, localizado na Zona Norte de São Paulo e também contou com a

---

<sup>6</sup>Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150424\\_salasocial\\_inquerito\\_mcmelody\\_rs](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150424_salasocial_inquerito_mcmelody_rs)>

presença do empresário da família, responsável por cuidar da carreira profissional de ambos. Segundo MC Belinho, no início da carreira da filha, ele se sentia no dever de ceder diversas entrevistas aos meios de comunicação com o intuito de amenizar as críticas, atentando-se a informar que a menina é educada a conciliar sua vida profissional – que inclui shows, entrevistas e gravações em estúdios – com os deveres escolares, realizados sempre nos períodos da manhã e tarde, quando volta escola. Melody está no quarto ano do Ensino Fundamental e estuda em um colégio particular na Zona Norte de São Paulo.

Começamos a entrevista questionando sobre como gostaria de ser chamada: Melody – seu nome artístico; ou Gabriela – seu nome de registro. Ela responde de imediato que prefere o nome artístico, escolhido por ela e o pai, devido ao amor à música<sup>7</sup>. Em casa, quando o pai acidentalmente a chama de Melody, é corrigido pela menina, que nos contou sobre sua preferência em ser chamada de Gabriela quando está fora do alcance da mídia. Abaixo, trazemos a análise da entrevista:

Entrevistador: Tenho acompanhado você em vídeos e nos seus trabalhos. Mas tenho muita curiosidade de saber diretamente de você, quem é você?

Melody: É como, tipo assim, eu.. quando chega uma câmera já muda, tem três pessoas, tem três personagens. Tem a Melody, a Gabriela e a Gabi. É quase a mesma coisa, só que a Gabi é meio Melody e meio Gabriela. Então é três personagens, mas quando chega a câmera: Melody virou. Chega no estúdio, Melody virou. Entendeu? Quase tudo é a Melody. Só uma horinha ou outra que a é a Gabi.

Percebemos, neste trecho, a opacidade da questão fronteira entre quem é a Gabi, a Gabriela e a Melody. A dificuldade em estabelecer uma diferenciação evidencia-se quando a entrevistada coloca Melody na terceira pessoa, o que nos dá pistas de uma certa distância desta com esta parte de sua identidade; Muitas vezes, notamos ao longo da entrevista, tanto ela quanto o pai, têm dificuldade de diferenciar e limitar o espaço em que a menina seja "mais uma do que outra".

Entrevistador: E a Gabi é pra quem? Pra sua mãe, pai?

Melody: É mais pra família mesmo.

Entrevistador: E no que que vocês se diferenciam?

---

<sup>7</sup> Em inglês, Melody significa melodia, a voz principal que dá sentido à composição.

Melody: Como assim?

Entrevistador: Entre a Gabi, a Gabriela e a Melody. O que uma faz que a outra não faz?

Melody: Não sei, porque as duas são a mesma coisa. Mais solta perto das câmeras, menos tímida. Essas coisas. Gosta de cantar toda hora, tocar violão toda hora. Agora meu pai tá me ensinando a tocar violão, né? Mesma coisa.

Depreendemos do fato de que Melody e Gabriela se completam e caracterizam a identidade momentânea da menina, justamente pelas crianças também serem impactadas pelos novos meios de consumo, que Baccega explica como sendo algo resultante "desse conjunto de práticas sociais e culturais fortemente relacionadas à identidade do sujeito (BACCEGA, 2015, p. 2). Da mesma forma que a sociedade de consumo foi descrita por Bauman (2008) como vendável, as crianças também fazem parte deste sistema. Elas não só consomem como também são consumidas, o que requer constante modificação de seus corpos e subjetividades para serem consideradas parte da chamada sociedade de consumo.

A globalização foi um dos agentes que possibilitou que a questão identitária tenha ganhado força na pós-modernidade, pois permitiu que os indivíduos tivessem contato com culturas distintas (GIDDENS, 2002). Também permitiu o hibridismo de culturas ao propor como desafio a construção de uma nova modernidade baseada na reflexão e, não na imposição, da racionalização secular hegemônica (CANCLINI, 2003). Ou seja, trouxe como principal agente a tolerância e reconhecimento da pluralidade das culturas que, quando relacionadas ao consumo, indicavam uma série de fusões responsáveis por gerar novos conceitos culturais.

Com base nisto, a auto-identidade, que equivale ao modo que o indivíduo compreende sobre si mesmo com base em sua história, passou a ser algo constantemente presente na modernidade tardia. Giddens (2002) reforça que o trajeto do indivíduo é desenvolvido com base em experiências passadas em direção a um futuro, o que implica na questão da auto-identidade ser algo frágil e sólido ao mesmo tempo. Frágil pelo fato de que o indivíduo conta sua biografia reflexiva de uma forma, classificando-a como só uma "estória" dentre muitas outras que poderiam ser contadas sobre seu desenvolvimento como eu; sólido por manter sua auto-identidade com segurança o suficiente para enfrentar os

principais desconfortos e desafios meio aos diferentes ambientes sociais.

Constantemente somos levados a responder questões na intenção de decifrar quem somos, com base em fatores-chave como nossas preferências, aparência e estilo de vida. Esses questionamentos nos incentivam a repensar nossa identidade, que nos leva novamente à reflexividade e, conseqüentemente, a mudarmos nossa maneira de agir e pensar. Todos estes pontos levantados são agentes da construção de identidade, atividade na qual todos reforçamos diariamente por sempre estarmos em busca do que Giddens (1999) chama de *eu autêntico*, resultado da "integração de experiências da vida com a narrativa do autodesenvolvimento" (GIDDENS, Anthony, p. 78, 2001).

O universo do consumo nos é apresentado como uma rede de significados capaz de complementar a história que construímos sobre quem somos, algo que é reforçado pelos nossos gostos. "Declarar o gosto é afirmação de identidade e estratégia de visibilidade, tomando parte de nossos rituais de encontro societal, de identificação e demarcação de diferença, nos quais por vezes se manifestam verdadeiros maníacos por declarar o gosto" (ROCHA *apud* LANDOWSKY, 2008, p. 124).

A questão do consumo como ator para construir novas identidades é constantemente questionado quando fala-se das camadas mais populares da sociedade. Reforçamos novamente a visão de Martín-Barbero que destaca o fato de que "nem toda busca de ascensão social é arrivismo; ela pode ser também uma forma de protesto e expressão de certos direitos elementares" (1997, p. 292). Relacionamos este conceito com o estilo musical do funk, justamente por termos observado como pesquisadores e receptores<sup>8</sup> um movimento capaz de auxiliar na melhoria de vida em todas suas instâncias: tanto financeira, quanto em padrões de qualidade de vida em geral, o que envolve moradia, educação e relações familiares mais estáveis. Em 1994, Os MCs Cidinho e Doca lançaram o hit Rap da Felicidade, que, ao ser estudado pelo antropólogo Hermano Vianna (1988), foi percebido como uma denúncia sobre a vida nas favelas cariocas, no qual a sociedade insistia em que não querer ouvir. Tal pensamento pode ser confirmado pelo trecho da música: "Eu só quero é ser feliz, andar tranquilamente na favela em que eu nasci e poder me ocupar e ter a

---

<sup>8</sup> O chamado "intercâmbio de papéis", por Martín Barbero, "onde autor, leitor e personagens trocam constantemente de posição" (1998, p. 309)

consciência que o pobre tem seu lugar."

Ariès (1981) comenta que na Idade Média, não falava-se sobre infância e a criança nada mais era do que uma miniatura do adulto. Assim que adquirissem as coordenações motoras necessárias para andarem e movimentarem-se, as crianças já eram inseridas no complexo de atividades do mundo adulto e partilhavam das tarefas dirigidas a seu grupo social. No século XVI, após a efetivação da imprensa<sup>9</sup> (GIDDENS, 2002), os indivíduos de camadas sociais mais favorecidas passaram a dar importância para a questão da idade, logo após personalidades religiosas começarem a gravar datas em documentos, o que contribuiu para a realização de textos medievais sobre a divisão das etapas da vida. Porém, foi somente no século XVII que surgiram gravuras conhecidas como os Degraus da Idade, iconografias que dividiam as idades, cronologicamente, em fases de acordo com a atividade social que o indivíduo realizava - como por exemplo, aparência física, nível de aprendizado, carreira e religião (ARIÈS, 1981).

No Brasil, esta concepção de que a criança era diferente do adulto ganhava força entre os séculos XVI e XVII (PRIORE, 2006), fazendo com que os meios pedagógicos e psicológicos dedicassem esforços para compreender melhor o sentimento de preocupação educativa. Apesar disto, as crianças de camadas populares sofriam com o desenvolvimento urbano desenfreado, um dos fatores que contribuiu para o trabalho infantil instaurar-se no Brasil, de modo que "em 1890, segundo a Repartição de Estatística e Arquivo do Estado, os menores representavam aproximadamente um quarto da mão-de-obra empregada nesse setor (industrial) na capital (São Paulo)" (PRIORE, 2006, p. 265).

Deste então convivemos com uma "triste realidade, onde a formação moral e intelectual, bem como os códigos de sociabilidade, raramente aproximam as crianças de conceitos como civilidade e cidadania" (PRIORE, 2006, p. 105), visto que desde a colonização do Brasil, nossas crianças foram habituadas a ter sua formação com base em atos explícitos e implícitos de violência, algo proveniente de nossa história repleta de conflitos e marcada pelas cicatrizes da escravidão.

---

<sup>9</sup>A invenção da máquina tipográfica acontece no século XV, pelo alemão Johann Gutenberg, mas o que marca o surgimento da imprensa é primeira impressão de um livro, durante a Revolução Protestante. (GIDDENS, 2002)

A infância está associada a certas práticas que nossa sociedade delimitou com o intuito de diferenciá-la da vida adulta. As brincadeiras, brinquedos, pureza e inocência são agentes capazes de classificar a infância e até mesmo a ausência desta, podendo ser boa, ruim ou inexistente, tudo depende da presença destes na vida de uma criança. Alcântara e Guedes (2014) escreveram sobre o fato de que a globalização trouxe mudanças no conceito de infância construído na modernidade, em que a criança passa a fazer parte da sociedade de consumo, devido ao intenso crescimento deste. Apesar das oscilações que o modelo vive,

A infância não deixa de ser o lugar e o espaço da criança. Este lugar está desenhado na sociedade globalizada, construído ao longo da história, em parte pela relação estabelecida desse mundo com o adulto, doutra de uma cultura infantil com identidade própria, construída a partir das interpretações e simbolizações do real produzidas pelas próprias crianças (ALCÂNTARA; GUEDES, 2014, p.113)

A alfabetização foi - e ainda é - essencial para a existência da infância, visto que “embora a economia, a política, a ideologia, a religião e outros fatores influam no curso da infância – fazem-na mais ou menos importante – não podem criá-la ou eliminá-la. Somente a alfabetização por sua presença ou ausência tem esse poder.” (POSTMAN, 2002, p. 126).

Essa nova infância apresenta um mundo constituído por contornos dos indivíduos que constantemente diluem-se. De criança adultizada a adulto infantilizado depreendemos a certeza de que as fronteiras se ruíram. Não há mais estágios, pelo caso aqui apresentado, de um lado a outro, de uma suposta infância a uma suposta vida adulta. Existe um sujeito cambiante, cuja identidade assumida, em muitos momentos, pode parecer paradoxal, como nos aponta Hall (2005).

Conforme apresentado por Martins (2005), a infância da elite apresenta características distintas da infância instaurada na periferia. Isto acontece devido ao fato de que "na maioria das vezes, a análise do contexto social e cultural, onde cada criança se insere e constrói sua visão de mundo, é desconsiderada ou relegada a segundo plano" (COSTA, 2008, p. 23). Estamos habituados a ignorar a infância como uma construção social cambiante, que pode sofrer modificações em sua estrutura de padrões conforme novos agentes tornam-se significativos para determinada sociedade. Enxergamos a internet



como um desses agentes, justamente por estar presente no cotidiano de indivíduos de todas as idades. É a chamada *sociedade líquida*, de Bauman, onde mudanças profundas justificam a ressignificação das instituições. Deprendemos deste fato para enaltecer que a infância é um conceito capaz de mudar conforme seu contexto histórico e social.

Retomando a entrevista, quando perguntamos à Melody sobre sua infância, a menina responde que só se difere das outras crianças pela questão da música: "eu sou como uma criança comum, porque eu faço a mesma coisa do que todo mundo. Eu estudo, brinco, canto, assim como alguns também gostam de cantar." O que acontece é que Melody nasceu sendo midiaticizada: apareceu cantando pela primeira vez em um vídeo aos 2 anos de idade, filmado pelo pai. Suas brincadeiras são criativas, fazem alusão à fama e envolvem recursos tecnológicos, como um aparelho celular, algo comum entre as crianças da atualidade que, constantemente filmam suas brincadeiras e postam em redes sociais como o *YouTube*<sup>10</sup>. No documentário *O Início da Vida*, nos deparamos com as falas de diversos pedagogos, educadores, pais e médicos refletindo sobre os primeiros anos da vida de um indivíduo. Uma das falas de uma professora italiana diz que: "As crianças aprendem e co-constroem seu saber com você, junto aos colegas, junto às outras crianças. E fazem isso se te vêem envolvida, se te vêem interessada no que elas estão fazendo e se vêem que esse interesse não passa só da criança para o adulto, mas sobretudo de criança para criança." Esta percepção reforça o fato de que a criança se molda facilmente ao meio em que está inserida e a tecnologia trabalha como uma intensa mediadora da transformação da sociedade em mercado (MARTÍN-BARBERO, 2009).

Comprendemos que as:

transformações que atravessam os *mediadores socioculturais*, tanto em suas figuras institucionais e tradicionais - a escola, a família, a igreja, o bairro -, como as organizações ecológicas ou de direitos humanos, os movimentos étnicos ou de gênero, introduzem novos sentidos do social e novos *usos sociais* dos meios (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 20).

---

<sup>10</sup> Fenômeno chamado de "youtubers mirins". Disponível em:  
<https://youpix.com.br/o-fen%C3%B4meno-dos-youtubers-mirins-d00e4d40b76d>

É com base nesta explicação que continuamos utilizando Martín-Barbero para justificar as mudanças no qual uma construção social como a infância está sujeita, visto que as crianças e jovens conseguem transformar o senso comum de uma geração e criar um novo modo de ser, anunciando, assim, o marco de um novo momento histórico.

A pesquisa qualitativa realizada com Melody nos serviu para desmitificar julgamentos sobre seu caso – como as de trabalho infantil e adultização precoce – que surgiram com base em informações reunidas na internet, hoje consideradas por nós, fontes duvidosas e carregadas de incertezas, sabendo que nossa experiência em campo demonstrou que Melody é o reflexo do que é a infância na periferia. Sua família atua como sobrevivente em uma sociedade que, muitas vezes, insiste em não escutá-la.

Melody deixa claro em uma das perguntas que seu maior sonho é ser famosa. O exemplo que temos sobre o comportamento de celebridades contempla o mundo adulto, assim como Postman (2002) comenta ao falar que em programas infantis as crianças são incentivadas a comportar-se como miniaturas de adultos e são elogiadas por sua precocidade. Percebemos, de fato, que "há uma apropriação e reprodução do discurso do adulto em suas falas, demonstrando, assim, que as crianças internalizam a cultura do adulto e se tornam parte dela, contribuindo para sua reprodução através da cultura de pares." (MARTINS, 2004). Porém, consideramos importante a denúncia que tal apontamento reflete: a infância midiaticizada é um movimento que a sociedade criou e insiste em questionar de forma negativa quando percebe que está passando por mudanças significativas. Desde os tempos de Shirley Temple observamos o sentimento dúbio de repreensão e incentivo da criança como celebridade que, para ser aceita neste mundo, precisa reforçar traços de adultos - ser desenvolvido, extrovertido, comunicar-se bem e de forma clara -, mas passa a ser questionada se não souber a dosagem certa (POSTMAN, 2002).

A infância contemporânea mostra que:

(...) as crianças não são receptáculos passivos das culturas adultas, mas sujeitos activos na produção cultural da sociedade, recebendo através das múltiplas instâncias de socialização as culturas socialmente construídas e disseminadas, que interpretam de acordo com os seus códigos

interpretativos próprios, configurando-se assim uma situação de "reprodução interpretativa" (SARMENTO, 2007, p. 22-23)

Assim, percebemos que Melody, não é somente Melody. Ela é a catalisadora de anseios de seus familiares, empresário, sociedade; ela é uma figura controversa na acepção do Alana, instituição, por nós, também considerada controversa. Melody carrega em si uma multidão – de gentes e de sentidos do que é ser criança – e reverbera para outras multidões ao postular-se nas diversas redes sociais, mesclando o seu ser criança a outros saberes do que é ser criança. São as chamadas mediações, de Martín-Barbero (2009)

Finalizamos este artigo com os ensinamentos absorvidos durante a primeira etapa de nossa monografia: os novos modos de ser criança na pós-modernidade, tendo como base o caso de Melody. Os questionamentos acerca da figura que a menina representa, ilustram um recorte histórico responsável por apresentar o surgimento de uma nova infância. Uma infância em que a criança não é mais apenas um receptor passivo do mundo à sua volta, mas um agente social capaz de mudar as instituições em que está inserido.

## Referências

- ALCÂNTARA, Alessandra; GUEDES, Brenda. **Culturas infantis do consumo**: práticas e experiências contemporâneas. São Paulo, Pimenta Cultural, 2014.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução de Dora Flaksman. 2ª edição. Rio de Janeiro, LTC, 1981.
- BACCEGA, Maria A. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. In: CITELLI, Adílson O. e COSTA, Maria C. C. **Educomunicação**: construindo uma nova área de conhecimento. Ed. Paulinas: São Paulo, 2011
- CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas**. 4ª ed. São Paulo, Edusp, 2003.
- COSTA, Márcia Rosa. **A Configuração das Infâncias na Periferia Urbana**: crianças, educação e processos culturais. Disponível em:  
<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16910/000707924.pdf?sequence=1>> Acesso em 10 de julho de 2016
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução Plínio Dentzien. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2002.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 10ª ed. Rio de Janeiro: dp&a, 2005.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações**. 6ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

MARTINS, Beatriz O S M. **O que Dizem as Crianças de um Bairro na Periferia Sobre as Experiências da Infância na Época Contemporânea.** Disponível em:

<[http://www.tede.udesc.br/tde\\_arquivos/10/TDE-2005-10-10T14:54:59Z-51/Publico/Beatriz%20de%20O%20S%20M%20Martins.pdf](http://www.tede.udesc.br/tde_arquivos/10/TDE-2005-10-10T14:54:59Z-51/Publico/Beatriz%20de%20O%20S%20M%20Martins.pdf)> Acesso em 10 de julho de 2016

POSTMAN, Neil. **O Desaparecimento da Infância.** Rio de Janeiro, Graphia, 2002.

PRIORE, Mary. **História das Crianças no Brasil.** São Paulo, Contexto, 5ª edição, 2006.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da 2ª Modernidade.** Disponível em:

<[http://www.cedei.unir.br/submenu\\_arquivos/761\\_1.1\\_u1\\_as\\_culturas\\_na\\_infancia.pdf](http://www.cedei.unir.br/submenu_arquivos/761_1.1_u1_as_culturas_na_infancia.pdf)> Acesso em 10 de julho de 2016

Sites

MEDEIROS, Beatriz. **MC Melody, de 8 anos, causa polêmica e pai defende: "É só porque ela canta funk".** Fonte. Disponível em <

<http://extra.globo.com/noticias/brasil/mc-melody-de-8-anos-causa-polemica-pai-defende-so-porque-ela-canta-funk-15737518.html>>. Acesso em: 11 de março de 2016.

NUNOMURA, Eduardo. **O Funk Ostentação Virou Documentário.** Fonte. Disponível em

<<http://farofafa.cartacapital.com.br/2012/11/13/o-funk-otentacao-virou-documentario/>>. Acesso em: 9 de março de 2016.

PROVENZANO, Fabrício. **Mc Melody, de 8 anos, fatura até R\$ 40 mil ao mês com carreira polêmica.** Fonte. Disponível em

<<http://extra.globo.com/noticias/brasil/mc-melody-de-8-anos-fatura-ate-40-mil-ao-mes-com-carreira-polemica-15913882.html>>. Acesso em: 4 de março de 2016.